



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LITERATURA E ARTES – DLLARTES  
COLEGIADO DE LETRAS, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS**

**NAÍSE PAULA SANTOS RAMOS**

**INFLEXÕES DE EROS NO UNIVERSO FICTÍCIO DE *ADMIRÁVEL MUNDO*  
*NOVO*: A SEXUALIDADE COMO FENÔMENO DISTÓPICO**

Alagoinhas-BA  
2023

**NAÍSE PAULA SANTOS RAMOS**

**INFLEXÕES DE EROS NO UNIVERSO FICTÍCIO DE *ADMIRÁVEL MUNDO  
NOVO*: A SEXUALIDADE COMO FENÔMENO DISTÓPICO**

Artigo apresentado ao Colegiado de Letras, Língua Inglesa e Literaturas, Departamento de Linguística, Literatura e Artes, Campus II, da Universidade do Estado da Bahia, como requisito para obtenção do grau de licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Barreto Júnior.

Alagoinhas-BA

2023

## INFLEXÕES DE EROS NO UNIVERSO FICTÍCIO DE *ADMIRÁVEL MUNDO NOVO*: A SEXUALIDADE COMO FENÔMENO DISTÓPICO

Naíse Paula Santos Ramos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Por meio do condicionamento de eros, as estruturas distópicas surgem na narrativa ficcional *Admirável Mundo Novo* (2014), de Aldous Huxley, de modo a evidenciar o controle social do Estado. Compreende-se que os universos literários distópicos possuem a sexualidade como um dos alicerces para a fundamentação das configurações sociais vigentes em seus domínios. Ante tais perspectivas, busca-se compreender as implicações literárias do fenômeno psicossocial eros, enquanto elemento constitutivo da diegese estudada. Por conseguinte, a presente pesquisa se articula através da metodologia bibliográfica, pelo escopo interdisciplinar de Nitrini (2010), que formula percepções sobre os entrelaces entre a Literatura Comparada e outras áreas do conhecimento. Deste modo, um esboço das facetas de eros foi construído, a fim de melhor entendê-lo, pelos diálogos mitológicos e filosóficos de Platão (2017); com demarcação para as abordagens psicológico-sociais de Freud (2011; 2019) e Marcuse (1968). Em seguida, foram identificadas as formas de condicionamento de eros presentes na sociedade do romance estudado, bem como elas se caracterizam enquanto mecanismos de controle das subjetividades. Por fim, foram explicitados alguns elos entre o impulso libidinal e a configuração distópica da obra. Tais processos demandaram leituras contextuais do romance, ao que concerne às inflexões do eros nesse admirável universo ficcional – que ainda traduz muito das realidades contemporâneas.

**Palavras-chave:** *Eros*. Literatura distópica. Condicionamento social. *Admirável Mundo Novo*. Representações da sexualidade.

**ABSTRACT:** Through the conditioning of eros, dystopian structures emerge in the fictional narrative *Brave New World* (2014), by Aldous Huxley, in order to highlight the social control of the State. It is understood that dystopian literary universes have sexuality as one of the foundations for the social configurations in their domains. Faced with such perspectives, we seek to understand the literary explanations of the psychosocial phenomenon eros, as a constitutive element of the studied diegesis. Therefore, the present research is articulated through the bibliographic methodology; by the interdisciplinary scope by Nitrini (2010), which presents the intertwining between Comparative Literature and other areas of knowledge. In this way, an outline of the facets of eros was constructed, to better understand it, by Plato's mythological and philosophical dialogues (2017); with a demarcation of the psychosocial approaches by Freud (2011; 2019) and Marcuse (1968). Then, we identify the forms eros' accommodation present in the society of the studied novel, as well as how they are characterized as the control mechanisms of subjectivities. Finally, we explain some links between the libidinal impulse and the dystopian configuration of the literary work. Such processes required contextual readings of the novel, with regard to the inflections of eros in this brave fictional universe – which still translates much of contemporary realities.

**Keywords:** Eros. dystopian literature. Social conditioning. Brave new world. Representations of sexuality.

### A PULSÃO CIENTÍFICA

---

<sup>1</sup> Graduanda em Letras, Língua Inglesa e Literaturas, Departamento de Linguística Literaturas e Artes – DLLARTES, Campus II da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e-mail: [naisepaula@hotmail.com](mailto:naisepaula@hotmail.com)

No mundo da liquidez, de acordo com Bauman (2004) – no qual todas as ações se voltam para o alimento do ego e o outro se torna um objeto de consumo – a sociedade se encontra cada vez mais polarizada; cada pessoa vive em sua ilha particular. Semelhante a máquinas que acumulam informações, de forma compulsiva, a humanidade empurra a si própria para a existência do progresso desenfreado e ao entretenimento infindo.

Na conjuntura social da obra distópica *Brave New World*, de Aldous Huxley (2014), o cenário é semelhante. As personagens vivem imersas na tentativa de sufocar suas subjetividades em prol de uma racionalidade excessiva, com a promessa de sucesso e felicidade. Neste admirável mundo líquido, colecionam-se números, métodos, e gozos imediatos, mas excluem suas subjetividades da equação, entorpecidas por mecanismos existentes nessa sociedade com o fim de anular os tumultos internos: a droga “soma” – droga utilizada pelas personagens de *Admirável Mundo Novo*, a fim de evitarem sentimentos tidos como negativos, especialmente a tristeza –; o cinema sensorial – tecnologia cinematográfica que imprime nos telespectadores as mesmas sensações físicas vivenciadas pelas personagens do filme –; bem como o contato narcísico com o “outro”, resumido às sensações físicas.

A estabilidade nesta sociedade é conquistada através da repressão das emoções e, para isto, é necessário que as vontades sejam rapidamente saciadas, a fim de não criar a tensão que resulta no impulso de eros, ao conhecer o “outro” e o externo em profundidade:

Reprimido, o impulso transborda, e a inundação é sentimento; a inundação é paixão; a inundação é loucura até: tudo depende da força da corrente, da altura e da resistência do dique. O curso de água não contido flui tranquilamente pelos canais que lhe foram destinados, rumo a uma calma euforia. [...] O sentimento está à espreita nesse intervalo de tempo entre o desejo e sua satisfação. Reduza-se esse intervalo, derrubem-se todos esses velhos diques inúteis. (HUXLEY, 2014, p. 65-66)

O indivíduo não se permite contemplar a forma na qual certos eventos o atravessam, nem o próprio atravessamento lhe é possível pela homogeneização dos sentidos e querereres. Com isto, todo elemento que simboliza alteridade é visto como negativo, o que engatilha uma alienação coletiva. Byung-Chul Han (2017) apresenta a perspectiva de que o desmantelamento do *eros* e, conseqüentemente, do “outro”, promove impactos significativos que geram o “mero viver”, a crise da fantasia e até a própria crise de depressão na sociedade atual.

Ao ler as obras de Han (2017) e Huxley (2014), foi inevitável não fazer uma associação entre a observação da realidade concreta do primeiro com o universo fictício tecido pelo outro. Diante das semelhanças percebidas, surge o estímulo para observar de que forma essa agonia do eros opera no romance de Huxley. Contudo, ao realizar pesquisas para melhor compreender

como este fenômeno atua em *Admirável Mundo Novo* – doravante *AMN* – não foram encontrados estudos que delineassem de que forma sua inflexão impactava na narrativa construída; apenas um artigo centrado no aspecto dos ansiolíticos de Hilário (2010).

Sob tais perspectivas, Eros é concebido como um fenômeno psicossocial que harmoniza as exigências pessoais e coletivas, promovendo uma emancipação do processo individualista e alienante do positivismo, que gera a homogeneização. Ao passo que o fenômeno consegue assumir diversas formas intersubjetivas no campo ficcional, que podem demandar apontamentos positivos, negativos e/ou ambíguos na sociologia e na psicologia, de modo que é predominante a visão deste como capaz de equilibrar o “eu” e o “outro”, assim como o “individual” e o “coletivo”, proporcionando uma libertação de uma razão extremista, opressora e esvaziadora de sentidos.

Esta segunda concepção é largamente aplicada na literatura, e, em alguns escritos científicos, evidencia-se a relevância do condicionamento de eros para a existência de certas configurações distópicas. Entretanto, não foram encontrados estudos que o vinculassem diretamente à literatura utópica/distópica, tendo em vista que o fenômeno é amplamente utilizado como alicerce para o entendimento de mecanismos específicos de repressão.

Com isso, percebem-se as contribuições da pesquisa ao explicitar de que maneira o eros, ou sua inflexão, pode inferir no estabelecimento de um universo distópico. Assim, considera-se pertinente abarcar de forma aprofundada como este fenômeno pode ser sistematicamente condicionado, a ponto de fundamentar a construção de uma sociedade na obra de Huxley, bem como de apresentar os impactos possíveis da manipulação das subjetividades no desenvolvimento individual e coletivo dos sujeitos na construção da diegese da obra. Tal análise promove a compreensão das nuances sociais que eros é capaz de imprimir nos universos literários; em particular, aos distópicos, que costumam controlar os indivíduos em seus sistemas, tornando mais evidente o condicionamento do fenômeno em questão.

Através desse olhar – as inferências que o fenômeno eros pode causar na esfera individual e social – a atual pesquisa centra como escopo tais inflexões no universo literário e distópico criado por Aldous Huxley no livro *Admirável Mundo Novo*. Tendo em mente os vestígios das possíveis inflexões de eros no romance de Huxley, que constroem uma realidade sistêmica de controle, surge a seguinte questão de pesquisa: como se dá o processo de inflexão do eros no universo fictício de *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley (2014), e quais são as implicações deste fenômeno para a criação da diegese distópica no romance?

Devido à natureza subjetiva da pesquisa, ela se associa à abordagem qualitativa, na qual a observação, compreensão e o subsequente registro de determinados aspectos da realidade

correspondem aos achados do processo científico. Assim, percebe-se a impossibilidade de comensurar e quantificar os dados encontrados, pois estes são reflexos de entendimentos sobre objetos subjetivos, a exemplo de fenômenos sociais e do comportamento humano. Para tanto, selecionamos fundamentos teóricos que se alinhassem com o tema analisado e substanciassem as discussões levantadas nas seguintes categorias conceituais: Literatura utópica e distópica; Eros e o Condicionamento social.

A tessitura metodológica dessa pesquisa se articula pela abordagem bibliográfica, que foi substanciada através de leituras contextuais da obra *AMN*, que possibilitou reconfigurações das possibilidades interpretativas de um texto literário, situado historicamente no início do século XX, à luz de obras posteriores sobre a temática, e, ainda, por intermédio do olhar intersubjetivo da pesquisadora – historicamente demarcado nas conjunturas de seu tempo. Desta forma, um movimento dinamizado pelos pressupostos teóricos de Nitrini (2010), diante das compreensões sobre a flexibilidade presente nas construções literárias, possibilita, assim, o entendimento sobre as contribuições interdisciplinares como aspectos da Literatura Comparada. Neste escrito, estreitam-se as relações entre a literatura e a psicanálise, campos de estudo que detêm a linguagem como ferramenta central para expressar gradações existenciais e estéticas da condição humana.

De acordo com Silva (2010), o processo analítico de textos literários com a intenção de compreender aspectos psicanalíticos, bem como a observação da subjetividade nos textos – enquanto elemento estruturado a partir de recursos linguísticos e estéticos – promovem uma simbiose positiva que expande conhecimentos de ambas as áreas. Para tanto, na escrita do presente artigo, o desenho das seções – intrincadas e lineares – formula-se da seguinte maneira: 1 – Iluminando as facetas do Cupido; 2 – Admirável Mundo Coisificado; 3 – Utopia e distopia: a limítrofe existência dos opostos; 4 – É que o Estado acha feio o que não é espelho.

### *Iluminando as facetas do cupido*

As mitologias fundamentam a compreensão de diversos fenômenos da existência humana e um primeiro entendimento sobre eros emerge a partir da construção do panteão greco-romano. A versão mais antiga de que se tem conhecimento advém do século VIII a.C., na qual o poeta Hesíodo narra a formação do universo na obra “Teogonia”. Nesta diegese, inicialmente somente existia o Caos completo e, espontaneamente, surgiram Geia ou Gaia – que seria a Terra –; Tártaro – recôndito mais profundo do submundo –; Érebo e Nix – personificações da escuridão e da noite respectivamente –; assim como Eros, descrito enquanto “o mais belo dos

deuses imortais, aquele que enfraquece os membros, dominando o espírito e a vontade prudente no íntimo de todos os deuses e de todos os mortais.” (HESÍODO, 2014, p. 30)

Nas principais genealogias mitológicas greco-romanas, que antecediam ao período do século VII a.C., Eros é compreendido enquanto pertencente à categoria de deus primordial, pois emergiu sem a interferência de outras divindades, sendo, entretanto, responsável pela união dos demais – um princípio afiliativo gerador de vida. Enquanto isto, em cosmologias posteriores, ele é representado frequentemente como criança ou homem alado – também chamado de Cupido – filho da deusa do amor e da beleza: Afrodite/Vênus. Travesso e ardiloso, Eros frequentemente atende aos caprichos de Afrodite, importunando os deuses e homens, ao fazê-los se apaixonarem e perderem completamente o estado de racionalidade e autossatisfação.

Desta forma, percebe-se que Eros compreende o fenômeno que instiga a união entre os enamorados, bem como a associação entre todos os elementos e seres; ele se caracteriza pelo impulso do desejo de forma mais ampla, como assevera Platão (2017), no escrito *O Banquete*. Neste, há a formação de uma perspectiva filosófica do fenômeno, suplantada pelos conhecimentos mitológicos e a narrativa se estabelece a partir de uma festa comemorativa a uma premiação do poeta Agatão, na qual os convidados e o anfitrião discursam sobre o deus do amor.

De acordo com Diotima – personagem da narrativa – a origem de Eros está ligada ao nascimento de Afrodite – personificação da beleza e do amor –, que foi celebrado pelos outros deuses numa grande festividade. Embriagado, Poros – divindade dos recursos/prosperidade – se encaminhou aos jardins e adormeceu, assim, a Penúria, que tinha ido à celebração com a intenção de pedir comida, deitou-se com ele. Desta união de opostos, surgiu Eros, servo de Afrodite:

Devido à natureza da mãe, a necessidade é sua constante companheira. Mas ele também tem atributos do pai: é ardiloso com o que é belo e bom, arrojado, ávido, pronto para a ação, caçador hábil, sempre tecendo maquinações, ardente por sabedoria, cheio de soluções, por toda a vida amante da filosofia, esperto com magias, poções e também um sofista. (PLATÃO, 2017, p. 68-69)

Além disto, introduz-se a teoria de que a capacidade humana de amar evolui e, por conseguinte, estágios mais sublimes de eros são alcançados: amor específico a uma pessoa; expansão do sentimento para um grupo de indivíduos; amor pela cidade e pelas leis; e, enfim, o amor à beleza e ao saber, englobando, assim, a própria filosofia. Com isto, o ser humano deseja a posse perpétua do bem e, devido à natureza mutável da vida, a única forma de se realizar tal intento é por meio da reprodução.

Com o amor vulgar, no qual apenas se considera apenas beleza dos corpos, o homem pode procriar novos corpos. Ao sublimar a materialidade dos corpos e apreciar o encanto das almas, gera-se a inteligência, justiça e temperança, dentre outras qualidades. Na escala evolutiva, com a contemplação da imutável beleza e harmonia universais, o ser humano consegue gerar virtudes e reproduzir, enfim, o eterno.

Desta maneira, eros é um fenômeno próprio da natureza humana que o estimula à procura constante por tudo aquilo que é virtuoso e belo, sendo que, de acordo com o nível de amor ao qual o indivíduo está relacionado, será capaz de maiores atos de desprendimento da materialidade. Conforme o desejo pelo bem se expande no indivíduo, surge não apenas a necessidade de saciar determinada vontade a partir da posse temporária, mas também da produção, pois assim conquista-se o prolongamento da posse do belo.

No prisma psicanalítico, Freud explica em *Psicologia das massas e análise do eu* (2020) o conceito do impulso pela vida ou libido – outra nomenclatura para Eros –, afirmando que se trata de uma energia da psique que preza pela harmonia, sendo responsável pela união e estabilidade de casais, famílias, grupos diversos e comunidades, mas que pode ser direcionada para outros encargos, a exemplo do sacrifício por uma “causa maior” (ideias abstratas):

“Libido” é uma expressão tomada da teoria da afetividade. Chamamos assim a energia, considerada como grandeza quantitativa – ainda que por ora não seja mensurável, daqueles impulsos que têm a ver com tudo o que podemos reunir na categoria “amor”. [...] O amor sexual, [...], o amor-próprio [...], o amor parental e o amor filial, a amizade e o amor universal ao próximo [...], a dedicação a objetos concretos e a ideias abstratas. [...] Em outras circunstâncias essas aparições são desviadas dessa meta sexual ou impedidas de atingi-la, mas elas sempre conservam bastante de sua natureza original para manter sua identidade reconhecível [...]. (FREUD, 2020, p. 74)

Desta forma, Eros não se restringe na mitologia, filosofia e psicologia à percepção romântica de elo entre indivíduos, pois engloba uma série de manifestações da energia, que expandem a compreensão do senso comum do que se configura enquanto uma qualidade de eros (erótico). Deste modo, tal compreensão se articula com o construto narrativo de *AMN*, pois as inferências do fenômeno se expandem em prol da construção social vigente –, correspondendo, assim, às interações sociais entre os indivíduos, suas relações com o trabalho e com seus respectivos objetos de desejo.

Em outro escrito, *O mal-estar na civilização* (2011), Freud apresenta duas energias distintas que compreendem os impulsos mais profundos do ser humano: Eros, referente ao impulso pela vida, e Tânatos – personificação da morte na mitologia grega – que diz respeito ao impulso pela morte/destruição.

De acordo com o psicanalista, essas duas forças opostas são o motor do indivíduo até que transponha a finitude da vida. Apesar de Eros ser descrito enquanto energia que se volta para o prazer e desvia a pessoa de tudo aquilo que possa causar insatisfação, é também responsável pela vontade de se unir ao “outro”. Por conseguinte, para que o vínculo se mantivesse com certa estabilidade, os sujeitos deveriam condicionar sua libido, de modo que alguns desejos individuais seriam sacrificados por conta da harmonia social.

Mediante tal necessidade, a satisfação das pessoas seria parcial, a fim de que conseguissem a segurança proveniente da inserção num grupo, bem com a afetividade do mesmo. Além disto, Freud (2011) associa Eros à felicidade que o ser humano pode obter, considerando, entretanto, que ela tem natureza efêmera, pois a intensidade do sentimento resulta de um período de restrição – embora tal obstáculo não pudesse se estender por um longo prazo de tempo, porque induz a um quadro de neurose:

Aquilo a que chamamos “felicidade”, no sentido mais estrito, vem da satisfação repentina de necessidades altamente represadas, e por sua natureza é possível apenas como fenômeno episódico. Quando uma situação desejada pelo princípio do prazer tem prosseguimento, isto resulta apenas em um morno bem-estar; somos feitos de modo a poder fruir intensamente só o contraste, muito pouco o estado. (FREUD, 2011, p. 20)

Entretanto, as configurações de *AMN* são dispostas de modo a satisfazer tanto as necessidades básicas, quanto às de entretenimento dos civis; com o incentivo constante da busca pelo gozo coletivo sem limites. Portanto, as amarras sobre o impulso libidinal não existem e o último tem suporte das instituições estatais para garantir a estabilidade de sua livre fruição. Desprovida de obstáculos, a satisfação se mantém perene e, conseqüentemente, o impulso por reivindicações se mantém adormecido.

De acordo com a perspectiva do psiquiatra, a sustentação de certos limites da libido individual é uma necessidade intransponível para que as estruturas sociais funcionem e obtenham beleza, mas também limpeza e ordem – estabelecimento de um padrão de desempenho e conduta da sociedade. (FREUD, 2011, p. 37). Em *AMN*, tal condicionamento advém das diversas instâncias de formação do ser, que prescrevem, através de uma modulação fisiológica e psicológica – desde a fase em que o indivíduo é um feto até o fim de sua vida – o desejo pelo que é socialmente imposto para si e a aversão pelo que o sistema considera enquanto pernicioso para a sua continuidade.

Tendo em mente que o ser humano possui em si o ímpeto de reivindicar, seria preciso encontrar um equilíbrio do condicionamento de Eros, que permita certa felicidade ao indivíduo e sua integração à comunidade. No entanto, Marcuse (1968) formula posteriormente uma

acepção revolucionária de eros, na qual este se encontra como catalisador de uma sociedade livre, que consegue harmonizar os desejos individuais com as necessidades geradas pela autopreservação:

"A reativação da sexualidade polimórfica e narcisista deixa de ser uma ameaça à cultura e pode levar, ela própria, à criação cultural, se o organismo existir não como instrumento de trabalho alienado, mas como um sujeito de auto-realização - por outras palavras, se o trabalho socialmente útil for, ao mesmo tempo, a transparente satisfação de uma necessidade individual." (MARCUSE, 1968, p. 183)

No universo fictício de *AMN*, as vontades são prontamente saciadas, entretanto, são massificadas pelo plano social do Estado, gerando, assim, suposta liberdade enraizada numa coerção camuflada. A partir do entrecruzamento do *corpus* analisado nas mais diversas instâncias do saber, a constância de certas ideias se configura enquanto elementos-chave para a compreensão do fenômeno eros: união, desejo, afetividade, sexualidade, impulso, busca, beleza, ideal, amor, renúncia e renovação. Com esta perspectiva, as seguintes considerações sobre o delineamento do fenômeno se formulam e permitem o entendimento sobre as inferências do mesmo na distopia em questão, na medida em que se clarifica os métodos sociais de condicionamento de eros.

### ***Admirável mundo coisificado***

No universo ficcional de *AMN*, há a regência de uma organização social hegemônica sobre a realidade global, intitulada como Estado Mundial (EM), que possui como lema: “comunidade, identidade, estabilidade”; pois a sociedade se ampara na homogeneização de vontades como mantenedora da prerrogativa de harmonia e, conseqüentemente, de estabilidade. Desta forma, há uma metodização de ações para regularizar o bem-estar dos indivíduos.

Nessa perspectiva, de acordo com Freud (2020), os dissabores da vida podem ser insuportáveis quando não há formas de mitigá-los, desviando a atenção dos sujeitos desse aspecto negativo. Assim, três possibilidades surgem para amenizar os sofrimentos: diversões poderosas – advindas de formas de entretenimento –, gratificações substitutivas – pelas quais o esforço é recompensado – e substâncias inebriantes – que permitem um amortecimento dos sentidos e provocam euforia temporária ao consumi-las. (p. 18) Em *Admirável Mundo Novo* (2014), tais recursos são aplicados e, até mesmo, exigidos enquanto essenciais para o código moral de conduta do regime vigente.

Na distopia, a primeira categoria é vasta, pois o entretenimento é vário e constante: o Cinema Sensível, capaz de inferir sensações diversas de prazer nos telespectadores, e os cabarés nos quais tocam a Música Sintética; clubes de Golfe-Obstáculo, onde os indivíduos podem socializar enquanto se divertem com o esporte; além da própria variedade de parceiros sexuais instigada pelo Estado. Convém se ater, inclusive, no uso do termo “Música Sintética”, que imprime a ideia de algo breve, resumido e objetivo, assim como plastificado/artificial. A música é uma arte que pode engajar o ser humano a se conectar com diferentes camadas de seu ser e a experimentar uma infinidade de sensações que o comovem. Entretanto, em certos casos, também pode desviar a atenção do indivíduo desses aspectos mais profundos da psique e conduzi-la para o entretenimento mais imediato.

Tais atividades recreativas integram a comunidade do Estado Mundial em uníssono na curtição de prazeres sem um fim aparente, pois a recusa destas práticas é percebida enquanto descumprimento das normas sociais. Assim, o discurso gregário do prazer se torna ratificador dos ideais do Estado, expandindo as identidades laborais dos sujeitos para além do tempo e espaço de seu trabalho com o mascaramento de lazer; bem como impossibilita uma perigosa contemplação da vida proveniente da solidude:

Em lugar da proximidade surge a falta de distanciamento. A proximidade é uma negatividade. Por isso ela possui uma *tensão*. A falta de distanciamento, ao contrário, é uma positividade. A força da negatividade consiste no fato de que as coisas são vivificadas justamente por seu contrário. Falta essa força vivificadora a uma mera positividade. (HAN, 2017, p. 28)

No que diz respeito às gratificações substitutivas, estas ocorrem no ambiente do trabalho com promoções nos níveis sociais mais altos e permissões especiais para viagens, por exemplo; já os níveis mais baixos recebem uma porção do narcótico soma como recompensa ao fim de um dia de trabalho:

O pessoal subalterno do Hospital de Park Lane para Moribundos compunha-se de cento e sessenta e dois Deltas, divididos em dois grupos Bokanovsky, de oitenta e quatro gêmeas ruivas e setenta e oito gêmeos dolicocefalos morenos, respectivamente. Às seis horas, terminado o seu dia de trabalho, reuniam-se no vestíbulo do Hospital e recebiam do Subecônomo-Assistente a sua ração de soma. (HUXLEY, 2014, p. 251)

Nesse último caso, há uma mescla da segunda e terceira categorias, pois a gratificação é uma droga inebriante, narcótico utilizado para intensificar os prazeres ou “subtrair a pressão da realidade a qualquer momento e encontrar refúgio num mundo próprio que tenha melhores condições de sensibilidade”. (FREUD, 2011, p. 22) Todos estes subterfúgios são utilizados

como mantenedores de uma conduta formada desde a criação dos indivíduos, que são literalmente fabricados para atender às necessidades do sistema.

Com a geração em massa de indivíduos, enquanto números capazes de gerar maior produtividade, constrói-se uma sociedade pautada na manipulação. A quantidade de pessoas do sexo biológico feminino, por exemplo, é moldado para atender a capacidade reprodutiva do Estado Mundial e o nível de intelectualidade e boa formação corporal é baseada no nível social predestinado para cada ser. Desta forma, o Processo Bokanovsky – referente à multiplicação de indivíduos, com ênfase para a massificação das castas mais inferiores – é uma ferramenta que reforça a quantidade enquanto potência e o olhar estigmatizado sobre o conceito de unicidade, considerado como risco para a estabilidade.

Tal visão ampara o devotamento da libido para o Estado Mundial, representado pela figura de Ford, que homogeniza os seres da horda no seu afeto. Para tanto, o único entendimento sobre suas identidades é proveniente das castas as quais pertencem, que possuem cores específicas utilizadas nos seus uniformes. Ademais, o sentimento de horror ao estabelecimento de vínculos duradouros é perpetuado, pois eles desviariam a libido que funciona em prol do sistema vigente. Assim, em *AMN*, além de algumas configurações de interação (família e relacionamentos amorosos) não existirem, elas são percebidas como obsoletas e perniciosas ao progresso social:

Mãe, monogamia, romantismo. A fonte jorra bem alto. O jato é impetuoso e branco de espuma. O impulso não tem mais que uma saída. Não é de admirar que esses pobres pré-modernos fossem loucos, perversos e infelizes. [...] Com suas mães e seus amantes; com suas proibições, para as quais não estavam condicionados; com suas tentações e seus remorsos solitários; [...] eram forçados a sentir as coisas intensamente. E, sentindo-as intensamente (intensamente e, além disso, em solidão, no isolamento irremediavelmente individual), como poderiam ter estabilidade? (HUXLEY, 2014, p. 63)

Além disto, desde fetos – através das incubadoras – até sua infância, ambos os sexos sofrem inferências constantes, a fim de desestimular vontades não produtivas à máquina do princípio do desempenho<sup>2</sup>:

As flores do campo e as paisagens, advertiu, têm um grave defeito: são gratuitas. O amor à natureza não estimula a atividade de nenhuma fábrica. Decidiu-se que era preciso aboli-lo, mas não a tendência a consumir transporte. Pois era essencial, evidentemente, que continuassem a ir ao campo, mesmo tendo-lhe horror. O problema era encontrar uma razão economicamente melhor para o consumo de transporte do que a simples afeição às flores silvestres e às paisagens. [...] - Nós condicionamos as massas a detestarem o campo - disse o Diretor, em conclusão -, mas, simultaneamente, as condicionamos a adorarem todos os esportes ao ar livre. (HUXLEY, 2014, p. 43)

---

<sup>2</sup> De acordo com Marcuse, a concretude externa ao indivíduo não é inexorável e/ou orgânica, pois foi historicamente construída pela sociedade, assim, utiliza o termo “princípio do desempenho”, pois o cenário em questão exige um desempenho específico e repressivo no trabalho.

Dessa forma, o alarme de sirenes estrondosas e choques elétricos são aplicados para associar certos elementos com a ideia de nocividade, bem como a hipnopedia – uma metodologia de educação moral através do sono – se configura como uma ferramenta importante na manipulação profunda das subjetividades, pois auxilia no fomento da percepção social desejada para cada casta, e, portanto, na conformidade com o *status quo*. Isto se torna perceptível na passagem que narra a hipnopedia para crianças Betas:

As crianças Alfas vestem roupas cinzentas. Elas trabalham muito mais do que nós porque são formidavelmente inteligentes. Francamente, estou contentíssimo de ser um Beta, porque não trabalho tanto. E, além disso, somos muito superiores aos Gamas e aos Deltas. Os Gamas são estúpidos. Eles se vestem de verde e as crianças Deltas se vestem de cáqui. Oh, não quero brincar com crianças Deltas. E os Ípsilons são ainda piores. São demasiado estúpidos para saberem... (HUXLEY, 2014, p. 48)

Apesar da mascarada liberdade, uma obsessão com padrões de ordem e limpeza – apontada como resultante da imposição social por Freud (2011; 2019) e Marcuse (1968) – se manifesta como essencial ao universo de EM, evidenciando uma libido alterada pela mais-repressão engendrada pela sociedade. Logo, com a segunda lição hipnopédica de higiene elementar “civilidade é esterilidade” (HUXLEY, 2014, p. 138), seu bem-estar e percepção de civilidade/ideais advém da adequação às normas impostas, já que “a limpeza está próxima da fordeza” (p. 138), o objeto comum de amor.

Para além do apagamento da família e outros vínculos afetivos, certas esferas da vida humana também foram reformuladas em prol do sistema: a religião foi considerada como ultrapassada e os rituais passaram a se dirigir ao símbolo central de EM, Ford, associando suas crenças sociais com a transcendência própria de uma religião:

O Presidente fez de novo o sinal do T e sentou-se. A cerimônia tinha começado. Os comprimidos de soma consagrados foram colocados no centro da mesa. A taça da amizade, cheia de refresco de morango com soma, foi passado de mão em mão e, com a fórmula “Bebo ao meu aniquilamento”, levada doze vezes aos lábios. Depois, com o acompanhamento da orquestra sintética, cantaram o Primeiro Cântico de Solidariedade. *Nós somos doze, ó Ford; em tuas mãos reunidos/Como as gotas que caem no Rio Social;/Ah! Faz com que corramos destemidos/Como teu calhambeque sem rival!* (HUXLEY, 2014, p. 106)

De forma semelhante, a arte passou a ser renegada por conta do fator imaginativo da mesma, que inspira possibilidades que de uma existência diferente, bem como pelo contato profundo que promove com as subjetividades. Assim, as produções musicais e cinematográficas eram cuidadosamente moldadas de forma a não propiciar reflexões, mas somente prazer sensorial. Ademais, a comunicação deveria reforçar as ideologias circulantes, uma vez que as frases taxativas revigoram os lemas sociais sem instigar a beleza poética que despertaria os

mesmos resultados indesejados:

[...] O nosso mundo não é o mesmo mundo de *Otelo*. Não se pode fazer um calhambeque sem aço, e não se pode fazer uma tragédia sem instabilidade social. [...] Mas esse é o preço que temos de pagar pela estabilidade. É preciso escolher entre a felicidade e aquilo que antigamente se chamava grande arte. Nós sacrificamos a grande arte. Temos, em seu lugar, os filmes sensíveis e o órgão de perfumes. (HUXLEY, 2014, p. 264-265)

A despeito da valorização dos avanços tecnológicos, estes somente são apreciados enquanto aprimoradores na automação dos processos existentes em EM, mas o entendimento do funcionamento deles e o engajamento de descobertas científicas é desestimulado, pois consideram o conhecimento como uma arma perigosa para a humanidade; assim, deve ser detido:

Que valor podem ter a verdade, a beleza e o conhecimento quando as bombas de carbúnculo estouram em torno de nós? Foi então que a ciência começou a ser controlada: depois da Guerra de Nove Anos. Nesse ponto, as pessoas estavam dispostas a deixar controlar até seus apetites. Qualquer sacrifício em troca de uma vida sossegada. Desde então, nós temos continuado a controlar. Isso não foi muito bom para a verdade, sem dúvida. Mas foi excelente para a felicidade. (HUXLEY, 2014, p. 273-274)

De forma especial, a História se enquadra com uma das principais ciências a serem perseguidas nesses universos. Em *Admirável Mundo Novo*, a sensação de estabilidade é reforçada pelo esquecimento de mudanças históricas, que aludem à possibilidade de alterações numa realidade vindoura. Dessa maneira, as configurações do presente são percebidas como orgânicas e imutáveis:

A atualidade disponível é a temporalidade do *igual*. O futuro, ao contrário, se abre ao evento que é absolutamente surpreendente. A relação com o futuro é a relação com o *outro* atópico, que não pode ser enquadrada na linguagem do igual. [...] A transformação de todo passado em museu aniquila o passado. Nesse mecanismo técnico, o passado é privado de toda e qualquer vivacidade. É desprovido de tempo. [...] é desprovido de decisão e decisibilidade. (HAN, 2017, p. 32-33)

Com tamanha sistematização, aqueles que não se adequam são punidos com a transferência para ilhas com indivíduos que também questionaram o princípio de realidade existente em *AMN*, a exemplo de Helmholtz e Bernard Marx. Entretanto, a personagem John, criado com os selvagens – indivíduos que não obtêm a civilidade cultural hegemônica pregada pelo Estado Mundial – representa, posteriormente, os impactos psicológicos resultantes de uma reivindicação interior que não encontra sustentação no mundo externo entre seus pares, já que, segundo Marcuse (1968), a tentativa de implementação de ideais não comungados pela comunidade e são enquadrados como casos de neurose.

Percebe-se, portanto, uma formulação social que detém inúmeros artifícios para

manutenção do controle e esta tem sua base na libido: reformulação dos vínculos e redirecionamento da libido; condicionamento físico e psicológico das vontades, gostos e aptidões; bem como a deturpação da arte, ciência e religião.

### ***Utopia e distopia: a limítrofe existência dos opostos***

A idealização de uma sociedade que vive em harmonia, sob a regência de leis igualitárias, existe desde os primórdios da humanidade, entretanto, o termo para designar-se a esse conceito – utopia – advém de uma obra literária homônima, escrita pelo filósofo Thomas More em 1516, na qual delinea-se um mundo “perfeito”. Entretanto, o emprego do vocábulo também compreende elaborações que antecedem o romance de Thomas More, como *A República* – texto filosófico escrito no século IV a.C. por Platão. Em grego, “*topos*” corresponde a “lugar” e o prefixo “*u*” tem caráter negativo, correspondendo ao conceito de “não lugar” ou “lugar algum”. Assim, a palavra possui natureza ambígua, pois designa, concomitantemente, uma ordem perfeita da realidade que não poderia ser alcançada. (CHAUÍ, 2008, p. *online*)

Devido aos significativos avanços tecnológicos na era iluminista, o cientificismo foi considerado enquanto elemento que revolucionaria não apenas o *modus operandi* trabalhista da época – oferecendo redução de jornada/funções e maior conforto econômico às pessoas – mas também a elevação moral por conta da equidade social proveniente da capacidade intelectual desenvolvida. Deste modo, a concretização de uma realidade utópica era considerada como futuro prestes a se materializar conforme a tecnologia se desenvolvia. (MEDEIROS, 2019)

Com a utilização da tecnologia para o aprimoramento da indústria, a realidade se desviou das expectativas, pois, além da natureza, a humanidade também foi alvo do aperfeiçoamento do sistema exploratório. No século XX, houve uma sucessão de governos autoritários e eugenistas, fortalecidos pelo progresso científico, bem como guerras que assolaram o mundo inteiro. A percepção de que o cenário mundial estaria passando por tempos sombrios incitou uma quantidade considerável de autores a escreverem análises interpretativas sobre o que vivenciaram e/ou imaginaram que poderia eclodir no futuro.

Assim, emerge uma espécie de antítese da utopia, cunhada a partir de um termo da medicina – “distopia” – que diz respeito à localização anormal de um órgão, e, etimologicamente, advém do grego com os sentidos de “lugar anormal” ou “lugar que não funciona bem”. Em 1865, o filósofo John Stuart Mill empregou o termo como realidade oposta àquelas das utopias já conhecidas, ou seja, mundos que teriam como destaque a polaridade negativa na construção das sociedades.

Entretanto, não existe consenso na categorização da distopia, bem como da utopia, enquanto gêneros literários. Por conta disto, certos pesquisadores as consideram enquanto realidades que emergem de outros gêneros, a exemplo da ficção científica. Assim, recorreremos à concepção de diegese para compreender as inferências de utopias e distopias na elaboração de realidades fictícias:

a diegese de um romance abrange personagem, eventos, objectos, um contexto temporal e um contexto espacial. Por isso mesmo, a história de um romance não é só constituída por uma sucessão de acções, mas também por retratos, por descrições de estados, de objectos, de meios geográficos e sociais, pela construção de uma determinada "atmosfera", etc. É inegável, todavia, que a sequência de acções, implicando relações estruturais entre as personagens, entre estas e objectos, meios geográficos e sociais, envolvendo factores sociológicos ideológicos e axiológicos, representa o elemento nuclear da diegese. (AGUIAR E SILVA, 2007, p. 719)

Desta forma, verifica-se que a diegese diz respeito ao entrelaçamento dos componentes de um texto literário – personagens, ambientação entre outros elementos narrativos – que geram um arcabouço discursivo coerente e significativo para a produção, ou seja, o universo literário da obra. Apesar da dificuldade na conceituação das diegeses em estudo, os elementos que as definem são características específicas e, ao Berriel (2014) explicar os elementos morfológicos distópicos identificados por Raymond Trousson e Massimo Baldini, torna-se perceptível que as anti-utopias – universos que utilizam da premissa da utopia para distorcer a versão idealizada de possíveis realidades – são inseridas na mesma categoria das produções literárias utópicas.

Dessa maneira, doze características são apresentadas: (i) o *insularismo*, ou seja, o isolamento social e, por vezes, geográfico de outras comunidades, que ocorre a fim de preservar a organização vigente, manifestado em *Admirável Mundo Novo* (2014), no desencorajamento de interação entre pessoas de castas muito distintas, no afastamento dos espaços habitados pelos civis e pelos selvagens – aqueles não doutrinados –, bem como no exílio aos que desviam das imposições sociais. A (ii) *a-cronia*, um presente ininterrupto e o apagamento dos conceitos de passado e futuro, o que promove a estabilidade, pois não haveria mais o que evoluir, somente o que se deve manter/preservar. Tal ideia se encontra presente no lema do Estado Mundial e, a fim de naturalizar as articulações do sistema, há uma seleção e modificação categórica de fatos históricos.

No que diz respeito à (iii) *autarquia*, – o desprezo pelo sistema monetário, que proporciona a independência econômica ao limitar o câmbio à comunidade interna do Estado – há uma alteração em *AMN*, pois não há um sentimento negativo pelo consumo e ele é instigado para manutenção do prazer. A partir do texto, pressupõe-se que a maior parte do mundo foi sobrepujada pelo regime do EM, portanto, não há soberanias distintas que poderiam ameaçar o poderio do Estado através do aspecto econômico. A (iv) *estrutura geométrica* compreende a

projeção de ordem apresentada na constante simetria arquitetônica, que estabelece um reforço inconsciente das ideologias circulantes. Essa ambientação é promovida ao adentrar no universo do romance estudado, pois no início da narrativa há a descrição do Centro de Incubação e Condicionamento de Londres Central, um local com atmosfera artificial e gélida, desprovida de vida, que espelha no espaço geográfico a languidez e mecanização das subjetividades.

Além disso, (v) *a defesa da legislação e das instituições*, pois o não seguimento às leis é considerado como um desvio de conduta gravíssimo, é rebelar-se contra o que torna o indivíduo “bom”, assim, em *AMN* não se adequar ao condicionamento existente é imoral. Desta forma, surge o (vi) *perfeccionismo e violência*: tendo em vista que o funcionamento da sociedade é perfeito, qualquer tentativa de mudança é perniciososa à sociedade, sendo devidamente eliminada, como os exilados do Estado Mundial: “É uma sorte – acrescentou, após uma pausa – que haja tantas ilhas pelo mundo. Não sei o que faria sem elas. Seríamos obrigados a metê-los [indivíduos que não se integram] todos na câmara de gás, suponho.” (HUXLEY, 2014, p. 274)

De forma geral, as utopias e distopias se caracterizam pelo (vii) *desaparecimento ou marginalização da família*, percebida como núcleo que provoca a irracionalidade e certa separação da comunidade maior, resultando no controle da família ou no seu completo apagamento. Isto advém da exigência da (viii) *uniformidade social*, na qual o indivíduo se adequa à identidade do “todo” e, por conseguinte, os seus desejos mais íntimos devem ressoar a vontade do Estado; atrelada ao (ix) *dirigismo absoluto*, sacrifício da liberdade em prol da satisfação das necessidades.

Para tanto, há também o incentivo do senso de (x) *coletivismo*: a ausência de propriedade privada surge numa busca pela “igualdade, o que pressupõe a exaltação do trabalho e o horror ao parasitismo social” (BERRIEL, 2014, p. 15); em *AMN* até mesmo o reaproveitamento das substâncias produzidas pelo corpo de um morto ao ser cremado, é incentivado a ser visto como uma honra, pois permitirá uma contribuição ao corpo social. O Estado convence os indivíduos a cederem suas liberdades por meio da (xi) *onipotência da Pedagogia*, instrução pedagógica sistematizada pelo Estado, com o objetivo de guiar os seres e suprimir qualquer questionamento e/ou sobreposição de natureza individual. Em *AMN*, a educação hipnopédica é o maior exemplo desse recurso. Por fim, a (xii) *questão religiosa*, compreende o misticismo aceito com certas reservas, desde que este seja nebuloso e tenha como figura central de adoração a própria cidade e tudo que há nela para ser desfrutado, como a reverência e ritos feitos a Ford no Estado Mundial. Assim, todos os aspectos que identificados, se encontram presentes nas demarcações do Estado Mundial.

Diante disso, percebe-se que a distopia e utopia são conceitos limítrofes e subjetivados à interpretação de cada pessoa, pois os mundos se constroem com bases semelhantes, de modo a *se* estabelecer certa ordem às realidades idealizadas – que possuem aspectos simultaneamente benéficos e desvantajosos:

O controle extremamente rígido das liberdades individuais e a imobilidade social fazem as suas ilhas, ou os futuros que propõem parecerem quase aterradores. Os benefícios que as utopias oferecem parecem suficientes para compensar as restrições que elas impõem, por outro lado, o controle está tão introjetado nos sujeitos que mal aparece como tal. A liberdade nas utopias não é uma questão moral ou filosófica, mas meramente utilitária. Ela serve aos sujeitos na medida em que podem escolher, ainda que minimamente entre as possibilidades que lhe são propostas, por outro lado, são as suas limitações que evitam “a guerra de todos contra todos”, o egoísmo e a barbárie. (FIGUEIREDO, 2009, p. 360)

A respeito dessa questão, Margaret Atwood (*apud* OLIVEIRA, 2021, p. *online*) afirma que, de acordo com a leitura de mundo de cada indivíduo, há um constante deslocamento da percepção sobre os textos que criam tais cenários. Sendo assim, a escritora enfatiza que o leitor deve prestar atenção no modo como interpretam as ficções, pois estas não têm compromisso com o factual ou em explicitar o que seria eticamente correto.

### ***É que o estado acha feio o que não é espelho***

Constantemente, é notória a admoestação do aspecto sexual/afetivo dos seres que se encontram inseridos nos contextos distópicos. De acordo com os projetos de sociedade presentes nessas diegeses, um método específico para condicionamento da libido dos civis é utilizado para concretizá-los: em *O conto da Aia* (2017), o sexo é visto como pecaminoso, caso não seja exclusivamente efetivado por conta de sua função reprodutora; por conseguinte, os corpos femininos são os principais alvos da adestração. Em *1984*, de George Orwell (2020), a instituição familiar é perniciosa, mantida apenas devido à necessidade de reprodução dos indivíduos, que percebem uns aos outros como estranhos passíveis de trair o Estado altamente controlador – objeto de afeto do corpo social.

De forma semelhante, *O Ceifador*, de Neal Shusterman, (2017), apresenta uma realidade na qual não há mais pobreza, velhice e doenças, mas a fim de controlar o índice populacional, há a presença dos ceifadores – encarregados de manter a harmonia social pelo assassinato do nível excedente da população – que passam por provas de condicionamento do afeto para ganhar tal *status*. Em contrapartida, na diegese de *Admirável Mundo Novo* (2014) há um cenário estável de aparente libertação e, até mesmo, estimulação da atividade sexual dos civis, que os

mantém extasiados e satisfeitos ao ponto de não reivindicarem mudanças nas configurações da sociedade.

Diante das configurações de eros, o Estado consegue estabilizar os desejos individuais dos sujeitos e, assim, obter maior controle sobre suas subjetividades, pois as necessidades e vontades mais imediatas são sempre satisfeitas. Por conta disto, não há uma inquietação psíquica pelo novo – a capacidade de imaginar possibilidades de melhoria que revolucionam o *status quo* –, o que é importante para a manutenção do controle social:

O mundo agora é estável. As pessoas são felizes, têm o que desejam e nunca desejam o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca adoecem; não têm medo da morte; vivem na ditosa ignorância da paixão e da velhice; não se acham sobrecarregadas de pais e mãe; não têm esposas, nem filhos, nem amantes por quem possam sofrer emoções violentas; são condicionadas de tal modo que praticamente não podem deixar de se portar como devem. E se, por acaso, alguma coisa andar mal, há o soma. (HUXLEY, 2014, p. 264)

De acordo com Figueiredo (2009), as utopias e distopias apresentam limites difíceis de serem definidos entre seus conceitos – aparentemente antagônicos –, já que a igualdade entre indivíduos almejada em realidades utópicas necessita de certo controle sobre as liberdades individuais, semelhante às representações de distopias. Entretanto, a autora ressalta que estas últimas possuem organizações sociais nas quais a repressão da liberdade é exercida com fins de beneficiar os indivíduos que estão no poder.

Contudo, também é possível inferir que a distopia seja a efetivação de idealizações humanas sobre a realidade, pois a utopia tem imbuída em si a premissa de sociedade inalcançável, ou seja, a constante cogitação de melhorias – aparentemente distantes de serem concretizadas – que impulsiona a qualidade de vida em sociedade. Assim, distopia seria uma utopia parcial, que mantém o *status quo* e impede o desenvolvimento do grupo, pois, de acordo com Birri: “a utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”<sup>3</sup>(BIRRI *apud* GALEANO, p. 230).

Em *Admirável Mundo Novo* (2014), o controle existe com a intenção de promover bem-estar e harmonia social, mas não há a igualdade entre os indivíduos e suas liberdades não são cedidas conscientemente. Desta maneira, a premissa aparentemente humanitária – espécie de lógica na qual os meios justificam os fins – não basta para uma classificação do sistema

---

<sup>3</sup> No original, em espanhol: “Ella está en el horizonte [...] Me acerco dos pasos, ella se aleja dos pasos. Camino diez pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. Por mucho que yo camine, nunca la alcanzaré. ¿Para qué sirve la utopía? Para eso sirve: para caminar.”

enquanto utópico, pois a sociedade é construída com base na atribuição inexorável dos destinos alheios, embora isto ocorra de forma aleatória, fomentando um ambiente de desigualdade estável e pacífico.

A otimização da vida, que afoga as subjetividades em prol de uma ordem do consumo, responsável pela padronização da felicidade, torna invisíveis as amarras sociais do Estado, lançadas com o objetivo de dominar os indivíduos e suas individualidades. Tal princípio da realidade dificulta a percepção de outras felicidades, que não estejam condicionadas aos princípios hipnopédicos de *AMN*.

O argumento que condiciona a libertação a um nível de vida superior serve com excessiva facilidade para justificar a perpetuação da dominação. A definição do nível de vida em termos de automóveis, televisões, aviões e tratores é a do próprio princípio do desempenho. Além do critério implícito nesse princípio, o nível de vida poderia ser medido por outros critérios: a gratificação universal das necessidades humanas básicas e a liberdade contra a culpa e o medo – tanto internalizado como “racional”. (MARCUSE, 1968, p. 141)

Tendo em vista a automação do trabalho, devido ao desenvolvimento tecnológico e intelectual conquistado pela humanidade em *Admirável Mundo Novo*, o cenário permitiria uma igualdade no livre gozo do tempo, bem como a inexistência de categorizações previamente estabelecidas sobre os indivíduos, que os distingue como inferiores e superiores. Apesar disto, a justificativa empenhada para manutenção do domínio foi a realização de um experimento, no qual um ambiente foi designado para a convivência em sociedade restrita a alfas – indivíduos condicionados de modo a obterem certa autonomia –, que resultou numa guerra civil. Por conta da capacidade crítica e do senso de autonomia parcial destes, a personagem que possui o cargo de administrador do Estado Mundial argumenta que nem todos poderiam ser alfas:

Um homem decantado como Alfa, condicionado como Alfa, ficaria louco se tivesse de fazer o trabalho de um Ípsilon Semialeijão; ficaria louco ou se poria a destruir tudo. Os Alfas podem ser completamente socializados, mas com a condição de que se lhes dê um trabalho de Alfa. Somente a um Ípsilon se pode pedir que faça sacrifícios de Ípsilon, pela simples razão de que, para ele, não são sacrifícios. São a linha de menor resistência. Seu condicionamento fixou trilhos ao longo dos quais ele tem de correr. Não tem outro remédio, está predestinado. (HUXLEY, 2014, p. 267)

Assim, o controle total sobre as vontades se perpetua, legitimado pelo suprimento das necessidades básicas – ação que é compreendida como a conquista e manutenção da felicidade. As liberdades (individuais e coletivas) são suprimidas em prol do domínio, pois quando as necessidades sobrepõem os desejos, a vida em si se torna automatizada – um meio para outros fins – reverberando na descaracterização dos seres humanos pelo distanciamento de suas subjetividades. O homem, desta forma, converte-se numa mera engrenagem da lógica do desempenho:

O impulso lúdico é o veículo dessa libertação. O impulso não tem por alvo jogar “com” alguma coisa; antes, é o jogo da própria vida – para além de carências e compulsões externas – a manifestação de uma existência sem medo nem ansiedade e, assim, a manifestação da própria liberdade. O homem só é livre de coações, externas e internas, físicas e morais – quando não reprimido por lei nem pela necessidade. (SCHILLER *apud* MARCUSE, 1968, p. 167)

Com isso, torna-se explícita a complexidade advinda da tentativa de estabelecer limites entre utopia e distopia, pois o mesmo mundo que é considerado como ideal pela inexistência de fome, doenças e guerras, somente existe devido à desumanização dos sujeitos que compõem seu corpo social. Eles não têm direito à felicidade, pois estão restritos ao gozo pleno que dissolve a intensidade com o atendimento das carências mais urgentes:

O que distingue o prazer da cega satisfação de carências e necessidades é a recusa do instinto em esgotar-se na satisfação imediata, é a sua capacidade para construir e usar barreiras para a intensificação do ato de plena realização. Embora essa recusa instintiva tenha feito o trabalho de dominação, também pode servir à função oposta: erotizar as relações não-libidinais, transformar a tensão e alívio biológicos em livre felicidade. (MARCUSE, 1968, p.197)

Posto isto, para além da construção do sistema social presente no Estado Mundial, o próprio entendimento de *Admirável Mundo Novo* enquanto diegese distópica é devido às inferências de eros nos meandros sociais descritos no romance. Como diegeses que recorrentemente discutem as relações entre os seres humanos – a disputa entre os desejos individuais e a dominação – as distopias têm eros como aspecto relevante nos seus desenvolvimentos e, na realidade fictícia em questão, seu condicionamento é o elemento estruturante de todo o sistema narrado na diegese.

### ***Reflexões finais sobre as diegeses gestadas por eros***

O processo analítico de eros – que diz respeito ao impulso libidinal dos indivíduos – foi empregado no romance *Admirável Mundo Novo* (2014), de Aldous Huxley, visando compreender como este elemento psíquico se apresenta no universo fictício estudado e como ele se estrutura enquanto aspecto utilizado para condicionar as subjetividades na distopia.

Com suas multifaces, eros compreende não apenas o aspecto sexual romântico, mas todos os desdobramentos que advêm do desejo e da projeção de afeto. Sendo assim, é a energia que diz respeito às uniões – românticas, familiares e de comunidades mais amplas – bem como a busca pelo bom e pelo belo que gera o prazer. Dentro dessas perspectivas, em *AMN*, verificou-se que o condicionamento deste se dá a partir dos seguintes apontamentos reguladores (i) **diversões poderosas** – Cinema Sensível, Música Sintética, Golfe Obstáculo e outros recursos

lúdicos; (ii) **substâncias inebriantes** – soma; e (iii) **gratificações substitutivas** – recompensas como viagens, promoções e a razão de soma.

Além disso, há: (iv) **a preconização da individualidade como nociva** – através do Processo Bokanovsky e da dissolução das identidades no corpo social; (v) **a manipulação das vontades e afetos** – com a adoração à figura de Ford; o dismantelamento dos vínculos duradouros (românticos, familiares e entre classes sociais distintas), o condicionamento na incubadora (regulação da inteligência, capacidade reprodutiva e da acomodação climática) a formação social (doutrinação por meio da hipnopedia e do uso de sirenes e choques elétricos); e, por fim, (vi) **o controle indireto** – com a ordem e limpeza como normas domesticadoras, a arquitetura como projeção ideológica, bem como a apropriação deturpada da ciência e da religião.

Tais ferramentas de controle se alinham com as categorias delineadas por Trousson e Baldini (*apud* BERRIEL, 2014) como características de uma utopia, que não são diferenciadas de uma realidade distópica. As utopias e distopias são concepções próximas e os limites entre elas são sedimentados a partir da perspectiva do leitor. Assim, essas diegeses não apresentam uma divisão conceitual, pois incentivam o questionamento de quais seriam esses limites. Em *AMN*, isto ocorre com o condicionamento de eros, pois os elementos que identificam a produção como utópica/distópica **advêm** deste processo intersubjetivo naturalmente empenhado nas narrativas (ficcionais).

Dessa forma, eros é o aspecto dinamizador das regulações democráticas e libertadoras, bem como das autoritárias e padronizantes, de acordo com o condicionamento social existente em cada sociedade. Em *Admirável Mundo Novo*, a existência de um mundo sem guerras, miséria e fome alude, à primeira vista, ao conceito de utopia para o leitor que constata o sofrimento emergente de tais carências em seu mundo concreto. Entretanto, o texto suscita a indagação sobre a satisfação das necessidades ser suficiente para a concretização da felicidade e se ceder as liberdades individuais realmente recompensaria a ponto de criar a sonhada utopia.

Um movimento que possibilita uma crítica a respeito do valor das individualidades em relação aos prazeres alienantes que um regime social pode promover. Neste sentido, eros funciona como fenômeno central na arquitetura dos arranjos sociais em *Admirável Mundo Novo* e, por conseguinte, o olhar sobre o condicionamento do mesmo é essencial para compreender a classificação do romance como pertencente ao universo distópico.

Pelo disposto, a análise das inferências sistemáticas de eros em *AMN* permite um entendimento maior não apenas do universo estudado, como das diegeses em questão, pois nestas a sexualidade e os afetos são constantemente manipulados. Para além disto, tendo em

vista que o fenômeno está expandindo suas facetas, com as mudanças nas relações sociais, a exemplo das observações de Han (2017) – que analisam o enfraquecimento da experiência erótica na realidade contemporânea – o desenvolvimento de pesquisas que se debruçam sobre sua regulação nas utopias e distopias são necessárias para uma leitura contextual da própria realidade concreta, já que as articulações de eros são responsáveis pela construção dos sistemas sociais. Ademais, em tempos líquidos, isto ensinaria um maior entendimento das reverberações que o contato – ou a carência deste – com o “outro” pode desencadear na odisseia intersubjetiva que é o devir humano.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, V. M. O Romance. In: \_\_. **Teoria da literatura**. Coimbra: Almedina, 8 ed., 2007, p. 671 – 786. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/qdownload/teoria-da-literatura-aguiar-e-silva-pdf-free.html>. Acesso em: 15 Mar. 2023
- ATWOOD, M. E. **O Conto da Aia** (Tradução de Ana Deiró). Rio de Janeiro: Rocco, 2017, 366p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 192 p.
- BERRIEL, C. E. O. Prefácio. In.: BIANCHETTI, Lucídio; THIESEN, Juarez da Silva. **Utopias e distopias na Modernidade: educadores em diálogo com T. Morus, F. Bacon, J. Bentham, A Huxley e G. Orwell**. Ijuí: Editora Unijuí, 2014. Acesso em: 04 Mar. 2023.
- FIGUEIREDO, Carolina D. Da utopia à distopia: política e liberdade. Recife: **Revista Eutomia**, UFPE. n. 03, v. 01, jul, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1821/1395> Acesso: 17 Mar. 2023
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. (Tradução de Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2011, 93 p.
- FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu**. (Tradução de Renato Zwick). Porto Alegre: L&PM, 2020, 172 p.
- GALEANO, E. **Las Palabras Andantes**. Buenos Aires: CATÁLOGOS, 1993, 234p. Disponível em: [http://resistir.info/livros/galeano\\_las\\_palabras\\_andantes.pdf](http://resistir.info/livros/galeano_las_palabras_andantes.pdf). Acesso em: 15 Mai. 2023
- HESÍODO. **Teogonia: Trabalhos e dias**. (Tradução de Sueli Maria de Regino). 2 ed. São Paulo: Martin Claret, 2014, 153 p.
- HILÁRIO, Leomir Cardoso. Huxley com Marcuse: *Admirável mundo novo* como paisagem fictícia da emergência do controle político dos indivíduos a partir do uso de substâncias químicas. In: II Colóquio Filosofia e Literatura: fronteiras, 2010, São Cristóvão (**Anais**), p. 128-142. Disponível em: Acesso: 17 mai. 2023.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do eros**. (Tradução de Enio Paulo Giachini). Petrópolis: Vozes, 2017, 93 p.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. (Tradução de Vidal de Oliveira). São Paulo: Globo, 2014, 312 p.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar. 6 ed., 1975, p. 232. Disponível em: [https://monoskop.org/images/b/b6/Marcuse\\_Herbert\\_Eros\\_e\\_civilizacao\\_6a\\_ed.pdf](https://monoskop.org/images/b/b6/Marcuse_Herbert_Eros_e_civilizacao_6a_ed.pdf). Acesso em: 16 Mar. 2023

MEDEIROS, Cleudson Montenegro. **Celebração de Eros na Literatura**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras. Recife, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7476>. Acesso em: 16 Mar. 2023

NITRINI, Sandra. Uma disciplina indisciplinada. In: **Literatura Comparada: história, teoria e crítica**. 3ª.ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, p.117-123.

OLIVEIRA, J. Margaret Atwood: “As utopias voltarão porque precisamos imaginar como salvar o mundo”. **EL PAÍS**, Barcelona, 29, Mai. 2021. Cultura. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-05-29/margaret-atwood-as-utopias-voltarao-porque-precisamos-imaginar-como-salvar-omundo.html#:~:text=%E2%80%9CTeremos%20que%20descobrir%20como%20nos,como%20um%20diretor%20de%20cinema%E2%80%9D>. Acesso em: 8 mar. 2023.

ORWELL, G. **1984**. (Tradução de Alexandre Hubner e Heloísa Jahn). São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2020, 387 p.

PLATÃO. **O banquete**. (Tradução de Anderson de Paula Borges). Petrópolis: Vozes de Bolso, 2017, 115 p.

SHUSTERMAN, N. **O Ceifador**. (Tradução de Guilherme Miranda). São Paulo: Seguinte, 2017, 448p.

SILVA, G. A. Literatura e Psicanálise: por uma aproximação possível. **XIII SEMOC**. UCSAL, 2010, p. online. Disponível em: <http://ri.ucs.br:8080/jspui/bitstream/prefix/3235/1/Leitura%20e%20psican%C3%A1lise%3A%20por%20uma%20aproxima%C3%A7%C3%A3o%20poss%C3%ADvel.PDF>. Acesso em: 07 Mai. 2023.